



# Conflitos, Migrações, Islamismo e terror: Um panorama das Relações Internacionais para o século 21

Joelton Carneiro de Lima<sup>1</sup>

DOI: [10.5752/P.1809-6182.2017v14.n2.p138](https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2017v14.n2.p138)

Recebido em: 04/05/2017

Aceito em: 16/08/2017

RAMOS, Leonardo César Souza; TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa (orgs.). *Conflitos do Século 21*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017. 234 p.

O Livro *Conflitos do século 21* é uma coletânea de importantes textos de especialistas do campo das Relações internacionais que contribui para esclarecer as questões fundamentais da temática na perspectiva do novo milênio. O polêmico acontecimento do 11 de setembro de 2001, e todos os seus desdobramentos, trouxeram aos lares pela mídia expressões como Oriente-Médio, Mundo Árabe e Mundo Muçulmano adquiriram uma dimensão considerável dentro do espaço midiático mundial apresentando novos paradigmas desafiadores aos modelos convencionais de compreensão ocidental, oriundos da complexidade geopolítica de regiões.

A reflexão sobre tais conflitos, nesses primeiros tempos do século XXI, viabiliza-se por espaços dialógicos entre diferentes abordagens e perspectivas acerca das Relações Internacionais contemporâneas, envolvendo invariavelmente os sujeitos locais emergentes e/ou subalternos dentro da estrutura política mundial, sob a ótica da inquietação intelectual do Sul Global e das relações ressignificadas centro/periferia.

Como uma obra informativa e profundamente didática, o eixo metodológico proposto para a composição dos artigos é formado por elementos comparativos, qualitativos e teóricos, que fornecem ao mesmo tempo percepções culturais, políticas e econômicas sobre os conflitos mais impactantes da conjuntura internacional. Não é difícil encontrar entre as páginas pontos de vista que dialogam com vertentes locais dos conflitos e ao mesmo tempo um distanciamento analítico compatível com o fazer acadêmico.

A noção de transnacionalismo, assim como a porosidade das fronteiras e a força dos territórios são categorias analíticas significativas para os estudos em Ciências Sociais. O revisitar de tais conceitos, à luz de novas concepções e fenômenos do espaço traz à tona não só novos atores dentro de um cenário embates, além de novas abordagens interpretativas que ressignificam o

---

1. Professor de Relações Internacionais da PUC Minas.  
Mestre em Relações Internacionais pela PUC Minas.  
[joeltonlima2@yahoo.com.br](mailto:joeltonlima2@yahoo.com.br)

entendimento dos fenômenos de choques. Cabe agora desvendar as implicações profundas e ainda inexploradas que derivam do vasto movimento de pessoas, culturas, identidades, religiões, textos, línguas e traduções pelo mundo.

Os aspectos culturais são a base de argumentação utilizada primeiramente para se tratar o conflito dos povos Árabe-Israelense pelo professor Danny Zahreddine, e Guilherme Pires. Ao construir o texto abordam primeiramente a homogeneidade cultural como *o resultado de uma política intensiva de engenharia social promovida pelo Estado que tem como objetivo a obliteração das clivagens culturais* (sejam elas étnicas, linguísticas ou religiosas) e da padronização das identidades (MELLO, 1999).

O texto aprofunda-se na raiz genealógica do conflito ao apresentar as origens similares dos dois povos Árabes e Judeus e das milenares contendas que promoveram o distanciamento. Diante dessa perspectiva fica evidenciado o mito acerca dos conflitos entre os povos árabes e judeus. Seja em função dos interesses econômicos, religiosos ou políticos, a ignorância acerca da temática é um fator que favorece a ideia de uma relação histórica e perpétua de guerra entre estes dois povos.

Diante do “Conflito árabe-israelense” a contribuição desta parte da obra busca apresentar um redimensionamento da amplitude destes confrontos, que segundo os autores não estão ligados somente à causa palestina. Usualmente vemos livros e artigos discutindo o conflito Palestino-Israelense, como se este fosse o único contencioso existente entre árabes e o Estado de Israel, quando na verdade este conflito representa apenas um entre inúmeros problemas. Porém, com o volume de fatos explicitados concordam que a causa principal da maioria dos conflitos entre árabes e israelenses foi a contenda territorial envolvendo palestinos e judeus, no início do século XX.

O segundo tópico tratado na obra *Conflitos do Século 21* traz uma análise sobre as questões de terrorismo. Ao falar em terrorismo contemporâneo, Jorge Lasmar e Rashmi Singh lembram que, na realidade, o fenômeno do terrorismo é algo bastante antigo, e ainda, que apesar de o termo “terror” ter surgido apenas na Idade Média e o conceito moderno de terrorismo ter sido forjado somente durante a Revolução Francesa no século XVIII, já encontrávamos manifestações de grupos terroristas desde a antiguidade.

Nesse momento, o livro analisa algumas das principais características predominantes do terrorismo e do contraterrorismo contemporâneo. Para este fim, fez-se necessário a desconstrução e desmistificação do fenômeno nada recente terrorismo.

O número de assassinatos registrados pelo IEP em 2014 girou em torno de 437.000 pessoas, o número de pessoas mortas por atos de terrorismo no mesmo ano é em torno de 32.635 pessoas. Isto significa que, no mundo, o número de pessoas mortas vítimas de terrorismo foi 13 vezes menor do que de pessoas vítimas de homicídio. Mesmo que o número de vítimas fruto do terrorismo seja menos 10%, levando em consideração esses e outros desdobramentos o livro têm êxito ao apresentar um quadro amplo do terrorismo contemporâneo e uma análise dos desdobramentos.

É perceptível a interessante duplicidade na distribuição global do terrorismo. Verificamos, uma clara concentração geográfica dos casos de terrorismo de alto impacto de um lado. Em torno de 78% das mortes registradas aconteceram em apenas cinco países: Iraque, Nigéria, Afeganistão, Paquistão e Síria. Contudo, por outro lado, a maioria dos países, 95 dos 162 países investigados vivenciou alguma forma de terrorismo e, infelizmente, o número de países que sofreram mais de 500 mortes aumentou em 120%, atingindo 11 países. É importante ressaltar que, mais uma vez, estes movimentos estão ligados ao chamado Islamismo Político Radical e não à religião.

Ao abordar o Islamismo Político radical, Lassar e Singh apontam o surgimento dessa vertente religiosa *como uma resposta às ideologias seculares que prosperaram no Oriente Médio e Magreb*, sob a bandeira do anti-colonialismo a partir do fim do Império Otomano. Numa abordagem histórica, fica explícito que no século XVIII, pela primeira vez, o mundo islâmico se viu encurralado e inferiorizado com o declínio (social, político, econômico-comercial, militar e cultural) dos grandes “impérios da pólvora” islâmicos – que eventualmente emergiram após o colapso do califado Abásida no século XIII – relativamente aos europeus ou diante da ascensão global europeia. O maior daqueles impérios, o turco-otomano, vivenciava crises internas e iria experimentar uma trajetória descendente que culminaria, em breve, com o advento do seu nadir no século XIX.

O reavivamento seja o wahhabita, como movimento radical é apontado nesta obra como o mais inspirador de outros do seu tipo nos séculos XVIII e XIX e de movimentos radicais islamitas contemporâneos. O seu fundador foi Muhammad ibn Abd al-Wahhab (1703-92), que considerava a sociedade da península arábica, onde nasceu e vivia, como pouco diferente daquela do período de obscuridade pré-islâmica.

Todo esse contexto é apresentado de maneira oportuna quando no texto é abordado o processo de descolonização no período pós-Primeira Guerra Mundial e, particularmente após a Segunda Guerra Mundial, quando a dita descolonização se acelerou e fez emergir o sentimento de busca a essência das práticas religiosas, culminando em peregrinações às suas tumbas, que frequentemente se convertiam em santuários. A própria tumba de Maomé e as de seus companheiros em Meca foram resignificadas pelas sociedades colonizadas ao assumirem que naquele momento precisavam reassumirem *as rédeas de seus próprios destinos*.

Com a descolonização e a seqüente criação de novos Estados territoriais, produzidos por distintos movimentos de libertação nacional e independência, pareceu a única resposta possível aos anseios dos agora cidadãos de Estados pós-coloniais de mobilidade e inserção econômica, social e dignidade, além da conquista existia agora uma imensa possibilidade de se adaptar e transformar o legado do colonizador, valorizando sua própria herança cultural.

Ainda nesse texto é ressaltado o fracasso desses novos Estados nacionais ao se tentar promover mudanças progressivas e incrementar a qualidade de vida dos seus cidadãos no mundo muçulmano, tudo isso associado ao flagrante autoritarismo da maioria deles e, particularmente, às derrotas humilhantes dos vizinhos árabes de Israel nas guerras de 1967 (Guerra dos Seis Dias) e 1973 (Guerra do Yom Kippur) que também deram origem a extremistas e por que não a parte deste dito Islamismo Político Radical.

Áureo Gomes e Erwin Xavier estreitam o diálogo no tema terrorismo, ao abordar as principais tendências do terrorismo contemporâneo com foco na força de ação da *Al Qaeda*.

Nesse texto seja como o aumento do número de grupos terroristas, seja pela grande diversificação e difusão de seus *modus operandi*, ou por conseguinte o extensivo uso da internet para recrutamento e financiamento destes grupos células, fica claro que os terroristas que atacam inimigos distantes, e de outros que centram seus ataques apenas no inimigo próximo e (por isso atuam local ou regionalmente fazendo uso de pequenos grupos ou lobos solitários auto-recrutados), fica explícito o fenômeno da globalização e a utilização e o desenvolvimento dos meios de comunicação também como forma de evolução deste processo.

Quando falamos em *Jihad* (a grande batalha) a *Al Qaeda* pode ser considerada o exemplo cabal,

emblemático e talvez pioneiro do processo chamado por alguns estudiosos de emergência da jihad global ou da “globalização e sequestro da jihad”. De todo o dito é ressaltado que a Al Qaeda é identificada como expressão mundializada do radicalismo ou fundamentalismo islâmico, alimentando a mídia mundial e a demanda por notícias internacionais que finda considerá-la como manifestação típica – ainda que ampliada em termos de suas estruturas e do impacto de suas ações – de uma religião supostamente sangrenta.

Ainda nesse texto, o entrelaçar dialético com outras questões conclituosas pelo mundo e o diálogo com o texto anterior se dá ao analisar o islamismo ou islã político como fenômeno, elucidando a existência da Al Qaeda como um tipo de organização e movimento islamita. Para tanto, e dados os limites de um assunto tão denso, sintetizou-se a questão sem encerrá-la. Ao considerar o islamismo ou o islã político como o “movimento contemporâneo que concebe o islã como ideologia política”.

Assim, fica claro no livro que a ideia orientadora para a concepção e fundamentação da Al Qaeda era a de um movimento que fosse capaz de operar tanto de maneira centralizada quanto de maneira polarizada. De maneira direta, buscava-se organizar o grupo a partir de uma hierarquia cujo topo era ocupado por Bin Laden, porém mantendo-se alguma flexibilidade para que as células conseguissem atuar de forma autônoma relativamente onde estivessem instaladas.

Lendo detidamente o texto é possível afirmar que parte da história da Al Qaeda se confunde com eventos que se desenrolaram no Afeganistão e em seu entorno regional, especialmente a partir de meados da década de 1970 até aproximadamente metade dos anos 1990. Entender como tais desdobramentos criaram solo fértil para a organização do grupo comandado por Bin Laden é o foco central dessa seção.

Ao tomar seu papel no diálogo proposto nesse livro, Waldeir Santos ressalta o papel dos militantes jihadistas globais, tendo a Al Qaeda como sua primeira rede e organização articulada. Segundo ele, os revivalistas islâmicos em geral, gozam de uma visão de mundo que considera, o islã como um modo de vida todo abarcante e integral à política, ao direito e à sociedade, que para os ativistas radicais, necessita da revolução violenta para tornar-se efetivo (HOURANI, 2001).

Assim, os grupos Jihadistas possuem em comum comungam das seguintes premissas;

- uma mentalidade de cruzados, opondo o Ocidente ao mundo islâmico;
- o imperativo da criação de um Estado islâmico;
- o fundamento da legitimidade de governos de sociedades muçulmanas assentado na aplicação da xaria;
- a oposição a governos ilegítimos e aos ulama cooptados por eles; o dever religioso da jihad contra os infiéis;
- e a identificação de judeus e cristãos como infiéis e não como “Povos do Livro”, sendo este o seu tratamento clássico na tradição islâmica

Segundo Santos, existe por trás da identidade do grupo Estado Islâmico um projeto político de movimento terrorista com características técnicas que o diferencia dos demais seguidores da Jihad. Para ele, uma das razões da força e do temor que cerca esse grupo está no fato de o E.I por possuir fontes de financiamento próprias. Assim, a violência e a divulgação midiática de suas ações causam espanto até mesmo em grupos de vanguarda como líderes da Al-Qaeda e outros menores e inspirados em suas práticas como Boko Haram.

Ao apresentar vários eventos históricos que subsidiam e justificam o nascimento do EI, Santos sistematiza as novíssimas formas de terror, recruta-

mento e seleção de membros assim como a complexidade do novo fenômeno do Terrorismo Mundial e do Oriente Médio.

Em seu texto Santos utiliza como *locus* analítico o Estado da Turquia. Nesse, houve na década de 20 a recusa em se intervir no conflitos Curdos x E.I. Assim, o governo turco por temer que uma vitória dos curdos sobre o EI desencadearia uma nova frente de luta pela autonomia do Curdistão. Assim, o governo da Turquia teria favorecido não só a continuidade da existência do Estado Islâmico, como fez aumentar a suspeita de ligação entre a Turquia e o EI. Ressaltando ainda no trabalho, a guisa de problematização a fundação da Irmandade Muçulmana em 1928 no Egito, movimento Sunita, que no início de sua trajetória não apresentava hostilidade contra outros grupos Islâmicos, provocando uma leva de mortos e desabrigados (DEMANT, 2004).

De modo a apresentar um panorama das consequências destes problemas de interação e conflitos de interesses na Arena das decisões internacionais, Geraldine Duarte apresenta as migrações internacionais e seus desdobramentos como um dos principais efeitos colaterais resultantes dos conflitos armados. Nas palavras da mesma, estes, são um fator de expulsão profundamente relevante, que tem contribuído de maneira intensa para o aumento dos fluxos migratórios.

Trazendo um capítulo que correlaciona Migrações e conflitos armados, se debruçando também sobre o caso contemporâneo dos refugiados, sobretudo sírios, que vêm se deslocando especialmente em direção à Europa. Para tanto, o capítulo que não poderia faltar em uma coleção que se dedica a esmiuçar alguns dos conflitos desde início de século dividi-se em três seções. A primeira aborda, de maneira conceitual o que são conflitos armados, suas características contemporâneas e seqüentes as consequências humanitárias ressaltando o deslocamento forçado de pessoas. A segunda parte do mesmo texto reflete sobre a pro-

blemática dos fluxos migratórios e suas consequências, tanto para os países receptores, quanto para os países ditos emissores. Um prêmio para leitor, além de todo o ganho nessa leitura está na discussão sobre a atuação dos migrantes e refugiados na promoção da paz na terra natal. Sem o objetivo de encerrar a questão a finalização do capítulo aborda o estudo de caso proposto, contemplando o fluxo de refugiados sírios que buscam abrigo em vários territórios, dentre eles os países europeus.

Conforme demonstrado ao longo desse livro, os conflitos deste século surgem e podem ser analisados de maneira multifatorial. Em quaisquer regiões que lancemos olhares existe uma diversidade de fatores históricos, regionais, geopolíticos e econômicos a serem meticulosamente investigados. Fica claro na obra aspectos relacionais a negligência do Ocidente em perceber a relevância dos conflitos sectários, principalmente o revanchismo. No arena internacional, todos são potenciais inimigos ou aliados de todos, palavras como amizade e cumplicidade são desconhecidas, vive-se num ambiente pragmático e repleto de interesses particulares, por isso a lógica da comunidade internacional é como dito por um dos autores *uma grande falácia*.

Didático para aqueles desejosos de conhecer mais sobre o assunto, fundamental para professores e alunos de Ciências Sociais, Humanas e sobretudo Relações Internacionais, este livro é uma obra de cabeceira para toda a academia.

## Referências

- LASMAR, Jorge Mascarenhas; TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. ZAHREDDINE, Danny. **O Oriente Médio**. Curitiba: Juruá, 2011.
- DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo de Geopolítica**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Leonardo César Sousa; TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa (orgs.). **Conflitos do Século 21**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017.